

**Cultura Escolar e sua influência:  
*formação de sujeitos***

Ana Paula Tavares Piran<sup>1</sup>  
Rosângela Farias da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi discutir sobre a influência da cultura escolar das instituições de ensino na formação dos sujeitos, compreendendo-a como um campo histórico. O texto discute a complexidade da cultura escolar, enfatizando que não existe uma única cultura escolar, mas múltiplas, influenciadas por fatores sociais, familiares, culturais e históricos. As pesquisas sobre a história da educação revelam essa diversidade e mostram como a escola evoluiu para um espaço que forma sujeitos, refletindo mudanças sociais e culturais. Gatti (2012) destaca a diversidade disciplinar no campo da educação, questionando o estatuto da educação como ciência. Chartier (2002) aborda a noção de representações sociais e como elas moldam as percepções e hierarquias sociais, destacando o papel da escola na construção dessas representações. Foucault (1982) analisa como o poder é exercido nas instituições escolares, moldando comportamentos e reforçando normas, evidenciando a relação entre o espaço físico e a cultura escolar.

**Palavras-chave:** Cultura Escolar; Formação do Sujeito; Relações de poder.

**School Culture and its influence:  
formation of individuals**

**Abstract:** The aim of this work was to discuss the influence of school culture on the formation of individuals, understanding it as a historical field. The text explores the complexity of school culture, emphasizing that there is not a single school culture but multiple ones, influenced by social, family, cultural, and historical factors. Research on the history of education reveals this diversity and shows how schools have evolved into spaces that shape individuals, reflecting social and cultural changes. Gatti (2012) highlights the disciplinary diversity in the field of education, questioning the status of education as a science. Chartier (2002) addresses the notion of social representations and how they shape perceptions and social hierarchies, emphasizing the role of schools in constructing these representations. Foucault (1982) analyzes how power is exercised within educational institutions, shaping behaviors and reinforcing norms, illustrating the relationship between physical space and school culture.

**Keywords:** School Culture; Subject Formation; Power Relations.

**La Cultura Escolar y su influencia:  
la formación de los sujetos**

**Resumen:** El objetivo de este trabajo fue discutir la influencia de la cultura escolar de las instituciones de enseñanza en la formación de los sujetos, entendiéndola como un campo histórico. El texto discute

<sup>1</sup> Cursando História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), finalizando o curso de Tecnólogo em Secretariado pela FAVENI (EAD), ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3095-6438>, e-mail: [anapaulatavarespiran@gmail.com](mailto:anapaulatavarespiran@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – UFGD/Faed. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (2019). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário. Bolsista CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8727-0238>, e-mail: [ped.rosangelaarias@gmail.com](mailto:ped.rosangelaarias@gmail.com)

la complejidad de la cultura escolar, destacando que no existe una única cultura escolar, sino múltiples, influenciadas por factores sociales, familiares, culturales e históricos. Las investigaciones sobre la historia de la educación revelan esta diversidad y muestran cómo la escuela ha evolucionado hasta convertirse en un espacio formador de sujetos, reflejo de los cambios sociales y culturales. Gatti (2012) destaca la diversidad disciplinar en el campo de la educación, cuestionando el estatuto de la educación como ciencia. Chartier (2002) aborda la noción de representaciones sociales y cómo moldean las percepciones y jerarquías sociales, destacando el papel de la escuela en la construcción de esas representaciones. Foucault (1982) analiza cómo se ejerce el poder en las instituciones escolares, moldeando el comportamiento y reforzando las normas, destacando la relación entre el espacio físico y la cultura escolar.

**Palabras-clave:** Cultura escolar; formación del sujeto; relaciones de poder.

## 1 INTRODUÇÃO

Discutir acerca da cultura escolar é um tanto plural, Vinão Frago (1995) trata de culturas escolares, porque não existe uma única cultura escolar e sim várias, sejam elas, sociais, familiares, culturais, pedagógicas, históricas, e o fazer pesquisas sobre a história da educação, tecem vertentes, que elencam as culturas escolares num arcabouço histórico e metodológico.

A história da educação não nasce na história, ela nasce no campo da educação como uma disciplina e depois ela se transforma em um campo de pesquisa, para tanto, fazer pesquisa da história da educação é diverso, conforme Gatti (2012) a diversidade disciplinar no campo da educação aponta a multiplicidade de abordagens, mas, também, a especificidade associada ao campo e sua definição no domínio das ciências humanas e sociais. Gatti (2012, p. 19) entende que há sempre um questionamento, especialmente de cientistas sociais e profissionais da filosofia, sobre o estatuto da educação como campo de conhecimento. Ela afirma ainda que, se trata de assumir uma unidade de campo como homogeneidade, mas uma unidade de propósitos com clareza de abrangência e de estruturas conceituais. Trata-se da aquisição, pelo campo de estudos em educação, de uma caracterização mais clara enquanto campo acadêmico e investigativo, mesmo mantendo seu referencial plural.

A cultura escolar pode exercer papel central na formação dos sujeitos, ou seja, para além do currículo formal e integrando elementos que moldam profundamente as identidades dos sujeitos. Essa cultura é composta por práticas, valores, interações sociais e a própria organização dos espaços escolares, todos interligados em uma rede complexa de influências

históricas, sociais e econômicas. No cotidiano escolar, essas rotinas estabelecem expectativas sobre comportamentos, enquanto os espaços físicos não apenas facilitam ou limitam o convívio, bem como podem tornar visíveis ou invisíveis determinados grupos, reforçando questões de poder e representatividade. Isto posto, os elementos como a arquitetura, os materiais didáticos e a relação entre professores e alunos refletem e ao mesmo tempo constituem a cultura da escola, impactando diretamente o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos sujeitos.

Da mesma forma a cultura escolar dialoga com influências externas, como o papel fundamental da família na educação, que são agentes atuantes em parceria com a escola na formação do sujeito. Assim, a conexão entre esses dois ambientes, família e escola, potencializam ou inibem o crescimento e o aprendizado. Ao analisar a cultura escolar, observa-se que ela está permeada por relações de poder, como discute Foucault (1982), que se manifestam de forma sutil, mas constante, nas práticas educativas e nos espaços institucionais. Dessa forma, entender a cultura escolar implica também compreender os mecanismos de poder que estão em jogo, seja através das normas disciplinares, da organização espacial ou das tecnologias utilizadas no ambiente escolar. Buscamos explorar a influência da cultura escolar na formação dos sujeitos. Dessa maneira, consideramos as dimensões materiais, simbólicas e de poder, e destacando como essas inter-relações são fundamentais para o desenvolvimento educacional dos sujeitos em diferentes contextos da vida escolar.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, bibliográfica. A importância de pensar a abordagem proposta, recai na questão de que a cultura escolar é um enfoque vivo, que se constitui dentro da sociedade em determinados ambientes em diferentes modos de constituição dos sujeitos.

Para discutir a construção metodológica da pesquisa em educação, deve-se questionar os conceitos usados para caracterizar o campo, identificar distinções que possam esclarecer

significados e fortalecer a identidade do campo. Também é importante considerar como os especialistas de outros campos compreendem e podem relacionar as contribuições da pesquisa educacional aos seus próprios estudos.

A identificação clara do campo de pesquisa em educação é necessária para facilitar a comunicação com diversos setores sociais e acadêmicos. É fundamental que os estudos sejam compreendidos e que as contribuições sejam verdadeiramente significativas. Dessa forma, é necessário atenção a aspectos básicos relacionados à validade dos trabalhos de pesquisa e garantir a consistência do campo de pesquisa educacional.

Ou seja, levar em consideração o tempo histórico que determinada pesquisa tratou. “A história tem as suas regras próprias. O nosso objecto é o passado, mas as perguntas somos nós que as fazemos, a partir do nosso tempo, do tempo presente. Por isso, não podemos ignorar nem o passado nem o presente (Gatti, 2012, p. 25 grifos do autor)”. Outra relevância, são os conceitos a serem utilizados, os questionamentos que devem ser feitos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história da educação percorreu por diversos contextos históricos, revelando como a escola, ao longo do tempo, se transformou em um espaço construtivo na formação dos sujeitos. Essa evolução reflete as mudanças sociais, culturais e políticas do país, demonstrando que a escola não é um local de transmissão de conhecimento, mas sim um ambiente onde se consolidam valores, práticas e ideologias que influenciam profundamente os sujeitos que dela usufrui.

Uma dessas grandes mudanças sociais é o movimento de críticas quanto ao ensino tradicional. No Brasil do século XX, vemos as grandes mudanças sociais que impactaram diretamente sua economia e política, resultando em transformações significativas quanto ao acesso à educação, gerando uma nova cultura escolar que influenciou a formação dos sujeitos a partir desse novo contexto educacional.

Um dos movimentos que influenciaram esse período foi o movimento da Escola Nova, que fez críticas contundentes ao ensino tradicional da época, sendo então apresentada

como uma forma de reparação quando se fala do abandono educacional aos mais pobres gerado pelo ensino tradicional, caracterizando uma reação, com o surgimento de propostas de novas abordagens pedagógicas que foi uma resposta às demandas de uma sociedade em rápida transformação (Vidal; Faria Filho, 2003, p. 48).

Indo na perspectiva de Gatti (2012, p. 14) ao abordar sobre o contexto sociocultural contemporâneo, tratando especificamente dos estudos no campo da educação, a autora afirma que estes estão cada vez mais submetidos a novas exigências de qualidade, até de excelência, e a pressão de cunho científico e profissional.

A identificação do campo das pesquisas em educação tem sido objeto de análises mais intensas nos últimos anos. Três aspectos, que interferem na identificação desse campo enquanto campo científico com um espaço a ocupar no âmbito das ciências humanas e sociais, merecem nossa consideração. São eles: o das denominações e conceitos utilizados, a própria ideia de campo e as questões de identidade e formas investigativas. Este último aspecto se liga aos caminhos da pesquisa em educação e às suas relações com o social (Gatti, 2012, p. 15).

A autora vai dizer que há um debate acerca de termos que são utilizados para a qualificação de estudos, que há um campo muito vasto, o campo da educação. A autora enfatiza o contexto internacional e especialmente entre autores europeus. Visto que Gatti (2012, p. 15) faz uma crítica dos termos que adotam e que muitas vezes sem sentido. Gatti (2012, p. 15) adverte sobre o cuidado que tem que ter linguagem conceitual e das formas comunicativas sociais. Pois salientado o uso dos termos pedagogia e didática como sinônimo. Porque o termo pedagogia vem sendo utilizado de diversas variações de significados, “[...] desde abranger uma teoria educacional até traduzir uma prática particular de ensino. É usual ouvir: ‘sua pedagogia não é boa’, quando se quer dizer ‘sua didática não é boa’, ou ‘suas práticas de ensino não são boas’ ou ‘sua técnica de ensino não é boa’” (Gatti, p. 16-17).

As discussões acerca desses contextos históricos que abarcam as crises dos sistemas de ensino perpassam vários vieses historiográficos. Desde logo a história cultural que também obteve um novo título como nova história cultural, a qual vem a ser interdisciplinar e provoca reflexões sobre como se fazer história e entender o passado. “Esta nueva historia cultural es, desde luego, interdisciplinaria”, ou seja, combina os diversos campos intelectuais

e áreas do conhecimento, que podem compreender desde os campos sociais aos culturais (Viñao Frago, 1995, p. 63).

Dessa maneira, essa diversidade de como fazer história possibilitou a junção de campos do estudo da cultura material com o da cultura escolar. Essa combinação permite que os aspectos materiais da cultura e os processos educacionais e sociais que as moldam tenham uma abordagem frutífera na formação e transmissão de conhecimento.

Isto posto, a justa combinação desses campos oferece uma visão mais completa das práticas culturais e das estruturas sociais, facilitando a compreensão das interações entre o ambiente educacional e as influências culturais mais amplas. Assim, a história cultural, ao integrar esses diversos aspectos, contribui para uma análise mais abrangente e contextualizada da educação e de suas implicações na sociedade.

Sobre a Cultura Escolar, Julia (2001, p. 10) vem contextualizar:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Dominique Julia, argumenta que não existe uma única cultura escolar, mas sim múltiplas culturas escolares que coexistem e que se desenvolvem dentro de uma instituição.

Corroborando com Julia (2001), o autor Viñao Frago (1995, p. 68) argumenta, que ao discutir a escola enquanto instituição, não se deve falar de "cultura escolar" no singular, mas sim de "culturas escolares" no plural.

Afirmar que la escuela — entendido este término en su sentido amplio — es una institución, es una obviedad. También lo es decir que existe una cultura escolar. Precisamente porque la escuela es una institución es por lo que podemos hablar de cultura escolar, y viceversa. Lo que ya resulta difícil es ponerse de acuerdo sobre qué implica que la escuela sea una institución y sobre qué sea eso de la cultura escolar o si no sería preferible hablar, em plural, de culturas escolares.

Como mencionado, a cultura escolar engloba diversos aspectos que podem ter maior ou menor relevância dentro da instituição escolar; para o autor, certos elementos, como o tempo e o espaço, destacam-se como especialmente significativos.

A cultura escolar como objeto histórico muda a configuração da história, abrangendo desde os campeonatos promovidos pelas escolas até os troféus expostos, passando pela merenda servida. Os estudantes são constituídos tanto dentro quanto fora da escola, pois a cultura escolar não se restringe ao ambiente institucional, mas também se estende para fora dele, influenciando a formação dos sujeitos em diversos contextos sociais.

Dessa forma Julia explora a cultura escolar, destacando que ela pode ser analisada sob diferentes perspectivas, como currículos, métodos de ensino, rituais escolares, relações de poder na escola e interações entre alunos e professores. A cultura escolar está profundamente enraizada em diversos contextos. Por exemplo, a escola é um campo onde várias culturas escolares coexistem, moldadas pelos sujeitos que ali estão inseridos. Foucault também discute a relação de poder dentro da cultura escolar, ressaltando como as dinâmicas institucionais influenciam esse ambiente.

É importante reconhecer que a cultura escolar varia conforme o contexto. Uma escola de periferia, por exemplo, terá uma cultura escolar diferente de uma escola de elite ou uma escola rural com turmas seriadas. O espaço físico da escola, como um pátio amplo ou limitado, são dispositivos que influenciam essa cultura quanto à sua representação. Conforme Chartier (2002, p. 23):

Deste modo, a noção de representação ser pode construída a partir das acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural. Mas a razão é outra. Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns «representantes» (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

O trecho de Chartier (2002) enfatiza a complexidade e a centralidade da noção de representação, especialmente na forma como diferentes grupos constroem e compreendem a realidade social. Ao destacar que a representação constitui-se uma ferramenta essencial para

a articulação das relações sociais e a legitimação de identidades, Chartier (2002, p. 23) mostra como as configurações intelectuais, as práticas sociais e as formas institucionalizadas moldam as percepções de mundo.

É no processo de longa duração, de erradicação e de monopolização da violência, que é necessário inscrever a importância crescente adquirida pelas lutas de representações, onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social. Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um 'ser-apreendido' constitutivo da sua identidade.

Chartier (2002) discute sobre o papel das lutas de representações sociais ao longo do tempo. O autor discute que, no processo de erradicação e monopolização da violência, é necessário reconhecer a crescente importância das lutas de representações, onde se disputa a ordenação e a hierarquização da estrutura social. Ele aborda como os grupos modelam suas próprias representações ou as dos outros, distanciando-se de uma dependência estreita da história social clássica. Chartier (2002) argumenta que a história cultural pode retomar o social ao focar em estratégias que determinam posições e relações, atribuindo a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido constitutivo de sua identidade.

No entanto, é justamente nesse processo de construção de representações que ocorre a tomada da representatividade do sujeito, especialmente no contexto escolar. A escola, enquanto instituição que perpetua determinadas formas de conhecimento e normas culturais, frequentemente impõe representações que nem sempre refletem a diversidade dos indivíduos que a compõem. Assim, a representação, em vez de ser um meio de expressão genuína das identidades dos sujeitos, torna-se uma forma de classificação e delimitação que pode apagar as vozes individuais.

Por exemplo, no ambiente escolar, os estudantes são frequentemente vistos não como sujeitos únicos, mas como parte de categorias mais amplas, como o bom aluno, o problemático, o talentoso que não capturam a riqueza das suas experiências e identidades. Essa construção de representações institucionais desconsidera as práticas e vivências que não se encaixam nas expectativas normativas da escola, o que leva a uma forma de silenciamento.

Do ponto de vista crítico é que a representação, conforme destacada por Chartier (2002), tende a legitimar apenas as formas de ser e estar que são reconhecidas pelas instâncias institucionais, marginalizando identidades que não correspondem a essas normas. Isso se manifesta no ambiente escolar quando a cultura escolar impõe padrões de comportamento, de conhecimento e de expressão que limitam a capacidade dos sujeitos de se verem representados de forma autêntica. Portanto, é necessário questionar essas formas de representação e buscar práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a multiplicidade de experiências e saberes dos alunos, promovendo uma cultura escolar mais inclusiva e sensível à diversidade.

A organização do espaço físico, como a disposição das carteiras, a presença de áreas verdes, laboratórios e ambientes lúdicos, influencia como os alunos percebem o processo de aprendizagem. Ambientes acolhedores e diversificados incentivam a criatividade e o bem-estar, enquanto espaços rígidos e pouco adaptáveis podem restringir o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. A cultura escolar pode promover a inclusão, incentivando o respeito às diferenças e a valorização da diversidade. Contudo, ela também pode criar ambientes de exclusão, se perpetuar práticas que discriminam certos grupos, como por meio de normas tácitas sobre comportamento ou aparência. Práticas diárias como a entrada dos alunos, assembleias, e até mesmo a decoração dos espaços refletem e reforçam valores específicos. Essas rotinas moldam as expectativas dos alunos sobre si mesmos e sobre os outros, contribuindo para a construção de sua identidade. Os espaços da escola também facilitam ou dificultam as interações sociais. Ambientes que estimulam a colaboração e a comunicação promovem o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como empatia e cooperação. Quem é visibilizado ou invisibilizado nos espaços escolares também é uma questão crucial. Por exemplo, painéis com fotos de estudantes em atividades diversas, murais de conquistas, ou até a presença de obras de arte que refletem diversas culturas são formas de representar e valorizar a diversidade da comunidade escolar.

A cultura escolar, portanto, vai muito além do currículo formal; ela é uma experiência vivida que molda os indivíduos de maneiras profundas e duradouras. Os espaços influenciam

diretamente esse processo, sendo tanto um reflexo da cultura escolar quanto um agente ativo no desenvolvimento dos alunos.

**Figura 1** - Perspectiva da Cultura Escolar



**Fonte:** Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/316659417530999315/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Tecemos como exemplo, ao analisar a imagem na figura 1 sob a perspectiva da cultura escolar, podemos observar vários elementos que refletem práticas e valores presentes no ambiente educacional, especialmente na educação infantil. Em relação a interação social e pedagogia inclusiva, a imagem na figura 1, mostra um grupo de crianças, de diferentes características física, participando de uma atividade coletiva em sala de aula, o que destaca a importância da socialização e do aprendizado colaborativo. A professora está inserida no grupo, o que reforça o papel mediador e participativo do educador na cultura escolar, promovendo uma relação próxima e acessível com os estudantes.

A atividade representada parece envolver a criação ou montagem de uma figura humana, sugerindo um ensino voltado para o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo das crianças. O uso de materiais visuais e táteis (como o recorte de papel e a simulação de

cabelo com fios pretos) demonstra uma abordagem pedagógica que valoriza o aprendizado através do lúdico e do concreto, características importantes na cultura escolar infantil.

Acerca da diversidade e representatividade, nesta figura humana montada no chão é de uma pessoa negra, o que pode indicar uma tentativa de abordar a diversidade étnico-racial, promovendo a representatividade e o respeito às diferenças. Esse tipo de atividade é essencial para a formação de uma cultura escolar inclusiva e sensível às questões de identidade e diversidade.

Em termos de organização do espaço escolar, a sala está decorada com cores vibrantes e materiais didáticos nas paredes, incluindo mochilas organizadas, o que sugere um ambiente planejado para estimular o desenvolvimento sensorial e a organização pessoal dos alunos. Esse cuidado com o espaço físico é uma característica importante na cultura escolar, pois influencia o clima da sala de aula e o processo de aprendizagem.

A disposição das crianças ao redor da atividade e a expressão de alegria nos rostos delas sugerem um ambiente acolhedor e uma experiência de aprendizado prazerosa. Na cultura escolar, o desenvolvimento de um senso de comunidade e pertencimento é gestado para o sucesso escolar.

Por essa ótica, a imagem reflete vários aspectos da cultura escolar, como a ênfase na socialização, na representatividade, no aprendizado lúdico e no cuidado com o ambiente educacional, todos essenciais para a formação integral dos alunos na educação infantil.

O espaço físico sendo um influenciador da cultura escola escolar, nos leva ao questionamento da arquitetura da escola, o qual entra na questão da cultura material escolar, bem como da relação de poder que o edifício transmite. Ao pensarmos em escola nos vêm a imagem do edifício, dessa maneira as escolas serão diferentes dependendo do contexto econômico, social e do espaço que ela se encontra.

O cenário é organizado com intencionalidade de ensinar algo, constituindo condutas, regras, disciplinamento, esses são vestígios que é possível analisar por meio da imagem, no contexto do tempo presente. Em se tratando em vestígios, nas palavras de Ginzburg (1989, p. 151) são próprios ao homem:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

Nessa vertente, a cultura escolar, enquanto campo de conhecimento e memória histórica, pode ser concebida como um objeto de estudo no âmbito da história das instituições escolares, que moldam por um ideário específico. Assim, torna-se pertinente a busca por elementos que constitui a cultura escolar, sobre tudo, sua relação direta e indireta com os sujeitos.

Uma escola privada, que pode ser caracterizada como uma escola de elite, que possui um ambiente moderno e bem equipado que busca além do ensino acadêmico, promover o desenvolvimento integral dos sujeitos, sejam eles cognitivo, social, emocional e físico. No qual o prédio possui salas de aula climatizadas, laboratórios avançados e biblioteca atualizada o que reflete a integração entre inovação e educação, além disso, maiormente possuem espaços esportivos e áreas verdes que buscam destacar a importância do bem-estar físico e emocional, promovendo trabalho em equipe, disciplina e respeito às regras, valores fundamentais na formação de sujeitos autônomos e responsáveis.

Em contraponto com uma escola pública, pode-se notar que, embora ambas compartilhem a missão de formar cidadãos críticos e autônomos, é inegável que há diferenças estruturais e de recursos. As escolas públicas, que atendem uma demanda maior de sujeitos e que dependem de incentivos governamentais, frequentemente enfrentam desafios para oferecer a mesma qualidade de infraestrutura e acesso a materiais didáticos avançados. Ainda assim, a cultura escolar nas escolas públicas desempenha um papel igualmente importante, enfatizando a inclusão, a diversidade e a formação cidadã.

Ainda que a escola pública, muitas vezes, reflita as condições socioeconômicas da comunidade em que está inserida, sendo sua cultura escolar fortemente conectada à busca por igualdade de oportunidades. Nesse contexto, a escola pública se empenha em preparar os sujeitos para enfrentar adversidades, promovendo o desenvolvimento integral, mesmo

com recursos limitados. Em contrapartida, as escolas privadas de elite, com acesso a tecnologias e recursos físicos mais avançados, oferecem experiências educacionais diferenciadas. Essas escolas complementam a formação dos sujeitos com um foco mais individualizado, preparando-os para ambientes altamente competitivos.

Enquanto a escola privada investe na excelência educacional através de infraestrutura de ponta, a escola pública concentra seus esforços na democratização do ensino, buscando formar sujeitos críticos em um contexto de maior diversidade e limitações de recursos. Ambos os modelos, no entanto, desempenham papéis fundamentais na formação de sujeitos preparados para atuar em uma sociedade plural e dinâmica.

Exemplificando, uma escola de elite costuma se localizar em áreas onde vive a população mais rica das cidades, e sua estrutura reflete esse contexto. Esses espaços são projetados para transmitir riqueza, com arquitetura imponente, materiais de alta qualidade, recursos tecnológicos de ponta e espaços amplos e organizados. Esses fatores influenciam diretamente a cultura escolar, criando um ambiente que, por sua vez, molda a formação dos sujeitos de maneira distinta. Assim, a arquitetura e os recursos disponíveis nessas escolas contribuem para reforçar as diferenças socioeconômicas na experiência educacional, destacando a importância dos ambientes no processo de formação integral dos sujeitos.

Conforme Silva (2006, p. 211) em relação ao espaço escolar sob a ótica do poder exercido:

Na perspectiva da microfísica, o espaço escolar apresenta chaves de análises inseridas na tecnopolítica disciplinadora, a qual conta com dispositivos para fazer dóceis os corpos e as consciências. Quando se trata de sua função simbólica e estética, é possível apreender os espaços escolares dotados de dimensões semânticas, constituindo-se em referente de um modo de vida e civilização e de semiologias capazes de desconstruir e codificar elementos que expressam um sistema de intenções, valores e discursos que são próprios de determinada tradição cultural, por exemplo: os muros escolares, o pátio escolar, a separação arquitetônica das salas de aulas, etc.

Foucault (1982) explica como o poder se exerce na sociedade, citando a tecnologia que foi utilizado por meio do panóptico. Na verdade, essa tecnologia ainda existe, mas de outras maneiras, que são muitas vezes imperceptíveis no dia a dia. Conforme Foucault (1982, p. 91):

Com o panoptismo, eu viso a um conjunto de mecanismos que ligam os feixes de procedimentos de que se serve o poder. O panoptismo foi uma invenção tecnológica na ordem do poder, como a máquina a vapor o foi na ordem da produção. Esta invenção tem de particular o fato de ter sido utilizada em níveis inicialmente locais: escolas, casernas, hospitais. Fez-se nesses lugares a experimentação da vigilância integral. Aprendeu-se a preparar os dossiês, a estabelecer as notações e a classificações, a fazer a contabilidade integrativa desses dados individuais. Claro que a economia – e o sistema fiscal – já tinham utilizado alguns desses processos. Mas a vigilância permanente de um grupo escolar ou de um grupo de doentes é outra coisa. E esses métodos foram, a partir de determinado momento, generalizados.

Assim, Foucault (1982) examina que o poder opera em níveis microscópicos dentro das práticas cotidianas, nas instituições escolares o poder é operado de forma a fazer funcionar a política institucional de acordo com a qual é regida, ele opera em níveis microscópicos por essas práticas, nos discursos e nas tomadas de decisões do corpo escolar, de tal forma que está presente dentro de todas as ações do ser humano, especialmente dentro das instituições escolares.

Nessa perspectiva, o poder é exercido por meio das estratégias de normatizações disciplinares e vigilância, moldando os corpos as mentes e os comportamentos dos indivíduos em função de determinado contexto, como o elemento do currículo oculto, o espaço escolar e a arquitetura.

Na microfísica do poder, Foucault (1982) trata da ideia de que o poder não é apenas exercido de maneira coercitiva por instituições políticas ou governamentais, ele está presente de forma difusa e sutil em todas as interações sociais, institucionais e individuais.

[...] em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? Creio que a questão poderia ser formulada assim: a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (Foucault, 1982, p. 98).

É nessa vertente dentre outras que a cultura escolar de uma escola se constitui, dentro de diversas relações de poder. Para tanto, nos atentamos aos próprios questionamentos que Foucault (1982) faz, porque o poder tece de diversas maneiras, com diversos sujeitos. A cultura escolar não se resume somente nessa questão, mas também a questão da materialidade, como foi dito anteriormente, os espaços escolares, a arquitetura e todos seus artefatos existentes.

Com esses pressupostos, podemos pensar acerca da gestão de uma instituição escolar, como uma escola particular para uma escola pública, por exemplo, pode determinar as ideologias que moldaram e ou/moldam os sujeitos, bem como os rituais de orações antes das aulas, filas para o lanche ou a prática de escrever saudações no quadro como "bom dia" ou "boa tarde" "Deus abençoe nosso dia", são exemplos de como a cultura escolar é presente e estabelecida nas escolas. É importante esclarecer que, ao tratarmos sobre as influências que a cultura escolar exerce sobre os corpos assujeitados, não se objetiva aqui, trazer uma ideia negativa dessas constituições que ocorrem no bojo da cultura escolar, no entanto é necessário saber perceber o lugar que cada um é colocado, em termos de subjetividades.

Além disso, Viñao Frago (1995), destaca a relevância da organização dos espaços educativos, defendendo que esses ambientes devem ser configurados de forma a não restringir a diversidade, mas sim a adaptarem-se a diferentes circunstâncias. Essa abordagem reforça a necessidade de uma estrutura educacional que seja dinâmica e capaz de se ajustar às mudanças inevitáveis que surgem ao longo do tempo. Contudo, adentramos ao papel da família junto a escola.

Polônia e Dessen (2005) discutem a questão da compreensão das relações entre a família, que são dois ambientes, que vão influenciar diretamente e indiretamente na formação do sujeito. A constituição do desenvolvimento humano se dá na primeira instituição que é a família, e a segunda instituição é a escola, pois é o tempo que o sujeito passa uma parte de sua vida.

Quando tratamos sobre a cultura escolar e sua influência na formação do sujeito, nesse arcabouço, não podemos deixar de problematizar a questão do papel que a escola exerce na aquisição do saber cultural, bem como as ações educativas que acontecem na escola.

Já na questão familiar, são diversos fatores que influencia o saber e o desenvolvimento do sujeito, quanto mais presente a família for na vida acadêmica dos filhos, esses irão se desenvolver de forma diferente e positiva em relação a outros quando contrário. Conforme citado por Polônia e Dessen (2005, p. 305) "Mesmo quando a instituição escolar planeja e implementa um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só é evidenciada quando este é cercado de atenção da família e da comunidade". De acordo com Polônia e Dessen

(2005, p. 304):

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui -se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa. A família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento.

As autoras afirmam que a boa relação entre a escola e a família, proporciona condições para melhor aprendizado, sendo ela como impulso na aprendizagem escolar. Ela vai impulsionar a produtividade escolar do aluno, a família é a primeira instituição, sendo fator principal no desenvolvimento desse sujeito, e a segunda instituição é a escola.

Assim sendo, são dois ambientes que interferem no desenvolvimento humano, porque a escola veio para o conhecimento científico, enquanto a família estabelece questões de valores, crenças, costumes etc. Quando tratamos acerca da relação de poder, “Neste contexto, os recursos psicológicos, sociais, econômicos e culturais dos pais são aspectos essenciais para a promoção do desenvolvimento humano [...]” (Polonia; Dessen, 2005, p. 304).

Temos dentro disso, a cultura escolar, a sua influência diretamente e indiretamente como a integração do ambiente então são aspectos que são às vezes não verbalizadas, que o sujeito está inserido naquele contexto, como as estratégias, a disciplina. Nessa perspectiva é que observamos o poder que se instaura em seus diferentes níveis como Foucault (1982) mesmo já havia dito que ele aparece em níveis microscópicos quase imperceptíveis de vermos. Outro fator é a da comunicação, os meios tecnológicos, e não estamos falando de tecnologias só do poder, mas também no que se refere as tecnologias eletrônicas que seria uma dessas questões.

As tecnologias utilizadas dentro do contexto que envolve a cultura escolar, que forma essa relação de poder, que leva diretamente e influencia no desenvolvimento do sujeito, podemos comparar a cultura escolar da educação infantil, anos iniciais e do ensino médio e em todos níveis educacionais, de sequência dos estudos, como na graduação e pós-graduação, estes últimos principalmente quando nos atentamos em relação à formação do

professor, que muitas vezes ele vai se espelhar de algum modo em seus professores, que para para o sujeito foi um ponto de referência positivo do qual ele vai tomar para si.

Nessa integração de socialização interação trocas temos a cultura escolar e a família como uma troca significativa que vão formar de certa maneira o desenvolvimento desse sujeito ao longo de sua vida. Visto que não é possível pensar a cultura escolar somente por si própria, mas sim como um mecanismo de interação com a família e com os demais sujeitos, que ali estão inseridos, bem como as normativas escolares os controles de poder que são abstratos, mas que funcionam para o cumprimento de um objetivo maior.

A formação do sujeito se insere de diversos modos, um exemplo que podemos citar como algo corriqueiro, é a questão geográfica, que é outro ponto importante a se analisar, como o lugar que o sujeito mora, de certa de maneira, tudo é uma chave que influencia em diversos aspectos.

Com uma contribuição historiográfica e significativa, Certeau (2000) nos diz quanto analisar, a partir do lugar que o sujeito fala, de onde o objeto pesquisado se instaura. Para Certeau (2000) a história é uma produção do discurso sobre o real, porque primeiro, é preciso considerar o lugar de onde o sujeito fala. O mesmo comunga sobre a ideia de ouvir o outro, compreendendo que a escola não é somente o lugar da fala, ela é também o lugar dessa escuta, de interação e relações multuas de diversos contextos.

O pesquisador domina o conhecimento racional, utilizando-o para além de influências externas e subjetivas, construindo assim uma metodologia sólida para verificar fatos e elementos que se constituiu na história. Refletir sobre esses objetos de conhecimento na história e os caminhos da educação, nos leva a considerar a visão de Certeau (2000), pois entendemos que a produção do conhecimento emerge do contexto em que o sujeito se posiciona. A escrita da história nos leva a questionar os documentos, as fotografias, monumentos, objetos escolares, livro ponto, cadernos escolares, atas de reuniões e uma infinidade de outros elementos. Assim, refletir acerca desse ponto de vista, acerca da cultura escolar por meio dos documentos, é buscar entender de onde determinados elementos discursivos falam, para quem eles se dirige, porque um dado documento, ou normativa teve uma intenção para tal, este é um produtor do discurso. De fato, o ponto de partida do sujeito pode ser muito subjetivo, pois o conhecimento é produzido a partir do lugar onde ele se

posiciona. Essas são questões importantes que devem ser consideradas acerca do contexto da cultura escolar, ainda que não se consegue traduzir fielmente a história.

Certeau (2000) diz que a história é a história dos mortos, porque não vamos conseguir traduzir a realidade em sua totalidade em aproximações sucessivas do real, nunca atingido. De acordo com Certeau (2000, p.106) esse conceito da história diz que a escrita “[...] põe em cena uma população de mortos –personagens, mentalidades ou preços. Sob formas e conteúdos diferentes, ela permanece ligada à sua arqueologia de inícios do século XVII [...]”. Conforme Certeau (2000, p. 106) “A historiografia tem esta mesma estrutura de quadros que se articulam com uma trajetória. Ela representa mortos no decorrer de um itinerário narrativo”, ou seja, através da linguagem uma prática relaciona-se a outra, ao passado. No sentido de que a historiografia utiliza-se dos fatos mortos para localizar-se ao presente, “[...] dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente [...]” (Certeau, 2000, p. 107).

Para entendermos essa dinâmica da cultura escolar dentro na perspectiva histórica, precisamos estar atentos as séries de mudanças que ocorrem constantemente no bojo das instituições educativas coordenadas pela dominação do homem através das formas de governo exercidos nas relações de poder. Nessa perspectiva, a análise da cultura escolar oferece um vasto campo de estudo em seus diversos aspectos, especialmente no que diz respeito à memória, que é dinâmica, atravessa o tempo e se manifesta tanto na singularidade quanto na coletividade de uma sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou discutir a influência da cultura escolar na formação dos sujeitos, compreendendo-a como um campo histórico e multifacetado, permeado por diversas relações de poder. As instituições educacionais não apenas transmitem

conhecimentos formais, mas também consolidam valores, práticas e ideologias que influenciam profundamente os indivíduos.

Essa análise se sustenta na perspectiva de que a cultura escolar é um espaço de múltiplas interações e influências, onde o contexto histórico, social, econômico e espacial desempenha um papel significativo na configuração das experiências educacionais.

No decorrer dos anos, a escola tem se transformado em resposta às mudanças sociais, culturais e políticas, como evidenciado pelas críticas ao ensino tradicional e pela ascensão de novas abordagens pedagógicas. A análise das culturas escolares, como discutida por autores como Julia (2001) e Viñao Frago (1995), revela que a escola não é um espaço homogêneo; ao contrário, é marcada pela coexistência de múltiplas culturas que moldam as experiências dos sujeitos de maneiras diversas. Esse caráter pluralista da cultura escolar evidencia a complexidade das relações que se estabelecem dentro das instituições e que afetam diretamente a formação dos indivíduos.

A intersecção entre a cultura escolar e os elementos materiais, como a arquitetura e o espaço físico das escolas, também exerce uma influência significativa, refletindo as dinâmicas de poder presentes nas práticas educativas cotidianas. Foucault (1982) e Silva (2006) destacam que esses aspectos não são meramente decorativos, mas componentes ativos que moldam comportamentos e relações de poder, influenciando as interações entre alunos, professores e a própria estrutura institucional.

Além das interações internas, a cultura escolar também dialoga com influências externas, como o papel da família, que atua como um elemento complementar e, por vezes, decisivo no desenvolvimento educacional dos sujeitos. As relações entre família e escola são fundamentais na promoção de um ambiente de aprendizagem que potencializa as capacidades dos estudantes, como apontado por Polônia e Dessen (2005). Assim, a cultura escolar transcende os limites do espaço físico da escola, permeando a vida dos sujeitos e contribuindo para a construção de suas identidades.

Este trabalho reforça a importância de se reconhecer a cultura escolar como um campo de múltiplas influências, em constante transformação e sujeito a críticas e reconfigurações. Compreender essas dinâmicas é essencial para a promoção de práticas educativas que sejam sensíveis e eficazes na formação dos sujeitos, capazes de responder aos

desafios contemporâneos e de fomentar uma educação mais inclusiva, reflexiva e alinhada às necessidades da sociedade atual.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Gahardo. 2. ed. Mem Martins: Difel, 2002.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GATTI, Bernardete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2012. DOI: 10.21573/vol28n12012.36066. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 4. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Disponível em: [https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mi\\_bibliografico&pagfis=21306](https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mi_bibliografico&pagfis=21306). Acesso em: 28 jul. 2024.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. (et al.). Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. 02 ago. 2024.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200012>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 201-216, Editora UFPR. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200013>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VIDAL, Diana Gonçalves.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, no 45, p. 37-70, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100003>. Acesso em: 21 ago. 2024.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 00, p. 63-82, dez. 1995. Fundação CC. Murcia, Espanha. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324781995000100005&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324781995000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2024.

---

*Recebido em:* 24/3/2024.

*Aceito em:* 6/11/2024.

*Publicado online em:* 24/3/2025.